

“BICHAS PRETAS” E A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DECOLONIAIS NO COTIDIANO MIDIATIZADO

Diego Cotta¹
Renata Rezende Ribeiro²
DOI: 10.29327/2282886.8.1-11

Resumo: O artigo faz parte de uma pesquisa ampliada, cujo objetivo principal é problematizar os usos do *YouTube* como ferramenta de vocalização de sujeitos marginalizados pela supremacia branca e pela cis heteronormatividade. A partir de entrevistas com influenciadoras digitais, autodenominadas bichas pretas, o texto busca refletir sobre a produção de narrativas decoloniais na ambiência midiaticizada, em diversas tensões. Sem desconsiderar o contexto atual, que inclui a lógica neoliberal e o sistema informativo dos algoritmos, investigamos a plataforma de mídia a partir da dinâmica do circuito dos afetos e das afetações, que produz um emaranhado de interações e de testemunhos de reconhecimento mútuo. A partir das reflexões e dos achados, indicamos uma proposta de “quilombos midiáticos interseccionais” pautados por comunhões afetivas, nas quais narrativas produzidas nesses canais indicam funcionar como um catalisador da formação de tribalismos-gays-afrocentrados como táticas de sobrevivência diante da subalternização destas existências.

Palavras-chave: mídia e cotidiano; narrativas decoloniais; youtube, bicha preta.

“MARICAS NEGRAS” Y LA PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS DECOLONIALES EN LA VIDA COTIDIANA MEDIADA

Resumén: El artículo forma parte de una investigación ampliada, cuyo principal objetivo es problematizar los usos de *YouTube* como herramienta de vocalización de sujetos marginados por la supremacía blanca y la heteronormatividad cis. A partir de entrevistas con influencers digitales, autoidentificados como “maricas negras”, el texto busca reflexionar la producción de narrativas descoloniales en el entorno mediatizado, en diferentes tensiones. Sin desconocer el contexto actual, que incluye la lógica neoliberal y el sistema de información de los algoritmos, investigamos la plataforma mediática a partir de la dinámica del circuito de afectos y afectaciones, que produce una maraña de interacciones y testimonios de reconocimiento mutuo. A partir de las reflexiones y hallazgos, indicamos una propuesta de “quilombos mediáticos interseccionales” guiados por comuniones afectivas, en las que las narrativas producidas en estos canales indican que los mismos funcionan como catalizadores para la formación de tribalismos gay afrocéntricos, como tácticas de supervivencia en frente a la subalternización de estas existencias.

Palabras clave: medios y vida cotidiana; racismo; narrativas descoloniales; youtube; maricas negras.

“BLACK FAIGHS” AND THE PRODUCTION OF DECOLONIAL NARRATIVES IN MEDIATED EVERYDAY LIFE

Abstract: The article is part of an expanded research, whose main objective is to problematize the uses of *YouTube* as a tool for vocalizing subjects marginalized by white supremacy and cis heteronormativity. Based on interviews with digital influencers, self-identified “black faighs”, the text seeks to reflect on the production of decolonial narratives in the mediatized environment, in different tensions. Without disregarding the current context, which includes the logic neoliberal and the information system of algorithms, we investigate the media platform based on the dynamics of the circuit of affects and affectations, which produces a tangle of interactions and testimonies of mutual recognition. Based on the reflections and findings, we indicate a proposal for “intersectional media quilombos” guided by affective communions, in which narratives produced in these channels indicate that they function as a catalyst for the formation of afro-centered gay-tribalisms as survival tactics in the face of the subalternization of these existences.

¹ Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5388-1652>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7139541156755869>.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Comunicação, com estágio de pós-doutorado na Université René Descartes (Sorbonne, Paris V, França). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3380-1600>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0869559062728292>.

Keywords: media and everyday life; decolonial narratives; youtube, black faighs.

Introdução

No Brasil, “bicha” ou “bixa” é uma forma de se referir aos gays com trejeitos “femininos”. É um termo com conotação de classe e aponta para uma “afeminação exagerada”, comumente ligada aos gays pobres e periféricos que fogem a uma estética normativa. O termo gay está associado aos homossexuais “normalizados”, idealmente brancos, de classe média ou alta, viris e “ativos”. Gays frequentemente se afirmam negando “bixas”, que são consideradas uma afronta à masculinidade hegemônica e, por isso, muitas vezes, são ridicularizadas e exterminadas. Gays afeminados sofrem discriminação até mesmo na comunidade LGBTI+: em alguns espaços, ser gay é aceitável, mas se for “bicha”, “bichérrima” ou “viado” (termos pejorativos que se referem a “afeminados demais”, exagerados na afirmação de sua identidade gay) será repudiado.

Este artigo trata de reflexões sobre narrativas decoloniais protagonizadas por bichas pretas na plataforma *YouTube*³. O texto faz parte de uma investigação ampliada⁴, cujo objetivo principal é contribuir com os estudos de linguagem, representação e produções de sentidos sob a ótica do circuito dos afetos e das afecções (Rezende Ribeiro, 2020) no cotidiano midiático do século XXI, ou seja, sob a perspectiva que “formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos [...], precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento, definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão construída através das afecções” (Safatle, 2015, p.17).

A partir das intersecções entre lgbtfobia e racismo sobre os corpos de bichas pretas, a pesquisa busca compreender a produção de “narrativas de si”, na ambiência midiática, como táticas de sobrevivência diante da subalternização destas existências.

Com origem nos contextos latino-americanos, a perspectiva decolonial amplia-se e a proposta é pensar outras ambiências, como no cenário midiático (*YouTube*), nas quais o imperativo sistema colonial se desenvolveu e continua a atuar de diferentes maneiras. Narrativas decoloniais buscam descentralizar o conhecimento e dar voz a sujeitos marginalizados, desconstruindo e questionando os discursos hegemônicos e as estruturas de poder que perpetuam a opressão e a dominação.

³ Plataforma de compartilhamento de vídeos criada em 2005, na Califórnia, nos Estados Unidos, e que se tornou o segundo site mais acessado no mundo (perdendo apenas para o Google, que inclusive o comprou em 2006). Possui mais de dois bilhões de usuários ativos. Em 2023, o Brasil foi o terceiro país com maior número de usuários nessa plataforma. Ver mais in: <https://www.youtube.com/>

⁴ O texto é parte de resultado de pesquisa de doutorado realizada por Diego Cotta, sob orientação de Renata Rezende Ribeiro, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF).

Por meio de entrevistas e de análise exploratória do conteúdo dos canais do *YouTube* “Pretinho Mais que Básico”, de Marco Antônio Fera, e “Muro Pequeno”, de Murilo Araújo, a investigação se desenvolve sobre a utilização da plataforma como ferramenta de vocalização de sujeitos subalternizados.

Nossa premissa é que a ambiência midiática dessa plataforma é apropriada como ferramenta de vocalização de sujeitos oprimidos por narrativas distópicas de supremacia branca, heteronormativa e classista. Por vocalização, entendemos a ampliação de vozes que conectam indivíduos em narrativas decoloniais, em uma proposta de micro-resistência que golpeia, ainda que sutilmente, o sistema opressor de subjetividades negras e gays.

Pretendeu-se demonstrar que determinados usos do espaço midiático são capazes de gerar sentidos vinculativos e abarcar uma linguagem inclusiva e insurreta diante do cenário de supremacia branca e da cis heteronormatividade. Pelo emaranhado de interações e testemunhos de reconhecimento mútuo, acreditamos que as narrativas produzidas nesses canais funcionam como um catalisador da formação de tribalismos-gays-afrocentrados, em uma proposta de “quilombos midiáticos interseccionais” pautados por comunhões afetivas, como pretendemos demonstrar neste recorte.

Sob a luz das teorias de midiatização (Sodré, 2021), que problematizam e refletem a articulação estruturante da ambiência midiática no cotidiano, compreendemos a importância do papel dos territórios digitais na construção de novos repertórios, sentimentos de pertença e fuga ao aniquilamento de subjetividades negras e gays, perpetrado pela ideologia hegemônica brasileira. Nesse sentido, nos debruçamos em narrativas construídas a partir de brechas de sobrevivência, entendidas como forças motrizes advindas da proliferação destes conteúdos midiáticos, em uma tentativa de explicitar a reivindicação por novas imagens e vozes decoloniais de resistência na vida ordinária do século XXI.

Antes de passar às problematizações e achados, apresentamos o questionário (Tabela 1) que seguiu o modelo metodológico de entrevistas semiestruturadas (Gil, 2008), ou seja, a partir de um roteiro prévio que orientou nosso percurso.

Questionário 1 (Entrevistas sobre a produção de conteúdo de canais de bichas pretas no YouTube)
1. Nas suas obras audiovisuais no YouTube, percebemos uma partilha de experiências vivenciadas. Em qual momento e por que você achou importante difundir-las?
2. A partir das discussões de interseccionalidade entre raça, classe e sexualidade/gênero, de que maneira seus conteúdos se diferenciam dos demais canais?

3. Contar as próprias histórias, fazer uso de sua própria imagem e reconstruir repertórios sobre bichas pretas no YouTube tem um caráter político? Como você vê esse processo?
4. Você acredita que os processos de humanização do corpo negro, bicha e periférico se desenvolvem a partir de plataformas digitais como YouTube? Você acredita em uma mudança no imaginário social?
5. Como você enxerga a amplitude e, por conseguinte, os impactos dos conteúdos produzidos no YouTube para bichas pretas e para a população em geral?
6. Você enxerga o YouTube como um possível espaço terapêutico para bichas pretas?
7. Você vê suas intenções com os vídeos produzidos serem atravessadas e/ou limitadas pela lógica comercial de plataformas como o YouTube?
8. A partir do debate sobre como se dá o processo de difusão de vídeos no YouTube, atrelado a uma lógica lucrativa empresarial, você vê necessidade de aplicar alguma tática de produção que fuja dessa engrenagem comercial?

Tabela 1: Questionário formulado como roteiro de entrevista para bichas pretas *youtubers*. Fonte: Autores.

Para fins de recorte, priorizamos as questões de 1 a 6, as quais se concentram nos usos do *YouTube* como partilha de experiências, produção e impacto dos conteúdos, além da abordagem sobre possíveis espaços terapêuticos que colaboram para o desenvolvimento de narrativas decoloniais de resistências, foco desta abordagem.

1. O YouTube como ferramenta de vocalização

A primeira pergunta do questionário (Tabela 1) teve como objetivo identificar o porquê da tomada de decisão de partilhar experiências na plataforma *YouTube*. Marco Antônio Fera, do canal “Pretinho Mais que Básico”⁵, ressalta a necessidade de compartilhamento. A *youtuber* destaca o apreço pelo diálogo, fazendo-nos refletir sobre a importância do comum, de comungar um bem precioso que é a informação. Como se expressar no canal fosse uma espécie de “economia da dádiva” em um jogo de forças com a economia de mercado, calcada no valor de troca de bens e serviços.

Eu sou uma pessoa que aprecio muito a comunicação, falar, conversar, eu sou uma pessoa da palavra. [...] então fazer o canal foi uma forma de ao mesmo tempo que transmito uma informação, eu também me aprofundo em ideias, mensagens e reflexões. Além de ser um momento prazeroso de troca e afetos entre pessoas negras [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

⁵ Marco Antônio Fera estreou no *YouTube* em 31 de março de 2016. No início postava um vídeo por semana. Atualmente utiliza o canal “Pretinho Mais que Básico” para produções musicais, com publicação a cada seis meses. Na entrevista, a *youtuber* disse que “nunca ganhou um centavo” com este trabalho.

Evidencia-se, nesse sentido, a força da comunicação a partir de seu significado primeiro (*communicare*), ou seja, dividir, compartilhar alguma coisa com alguém, na pressuposição de que se passe da esfera individual à esfera coletiva.

A *youtuber* Murilo Araújo também destaca que não conseguia guardar as ideias somente para si e conta que apostou no universo do audiovisual por perceber que seu engajamento em grupos de Facebook⁶ o faziam repetir “textões” sobre gênero, sexualidade e raça. Na época, Araújo cursava doutorado em Linguística Aplicada, e por já ter sido professor de curso de pré-vestibular popular, resolveu levar os conteúdos que aprendia na universidade para as telas:

[...] muitas dessas discussões que eu estava visitando e tendo contato na universidade reverberavam nas questões que estavam sendo discutidas na Internet naquele momento. E eu tinha uma necessidade, uma vontade, um desejo, uma saudade de ser professor [...] eu me via escrevendo o mesmo textão muitas vezes, em muitas situações diferentes. Eu era muito do textão. Eu sempre fui uma gay palestrinha e eu aprendi a só respeitar e abraçar esse meu lado, tentar canalizar de uma forma mais saudável do que era nessa época [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Logo no início da entrevista, em que fala sobre a tomada de decisão de partilhar suas experiências, Murilo cita o sucesso de seu vídeo “Não é questão de gosto”, que conta com mais de 100 mil visualizações e 600 comentários no *YouTube*. No vídeo, a *influencer* narra seu mal-estar de, ainda que inconscientemente, preferir “dar like” em homens brancos, quando navegava por aplicativos de relacionamento.

Durante a expurgação de sua emoção, observamos uma reflexão sobre a construção dos gostos e das preferências, a partir de uma sociedade machista e racista. Na entrevista, Murilo realizou um exercício de entender como gays negros são representados na mídia, mas também compartilhou, com lamento, a perda de tempo por ter ignorado pessoas que não estavam no padrão “homem branco”.

Eu vivenciei os processos de compreensão das minhas vivências enquanto eu estava produzindo conteúdo, tanto que o primeiro vídeo que viralizou, que foi “não é questão de gosto”, foi um vídeo que eu fiz completamente de forma despretensiosa e era uma reflexão muito inicial, muito superficial que eu estava tendo sobre uma coisa que eu tinha percebido, que é o fato de que eu comecei a reparar que eu usava o Tinder e que eu quase não ‘dava like’ em pessoas negras. E nessa época eu estava começando a ter noção dos processos que eu tinha vivido em relação à minha vivência dentro da comunidade gay masculina cis por ser uma pessoa negra. Então é um *status* muito significativo na jornada da gente; de consciência da gente [...]. E esse vídeo reverberou de uma forma completamente inesperada, porque no *YouTube* no Brasil, em português e naquele momento, não tinham pessoas falando sobre isso [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

No vídeo em questão, Murilo lembra da “quantidade enorme de relatos” que versavam sobre a dificuldade de gays negros estarem em um relacionamento sério. Não

⁶ Rede social digital fundada em 2004, nos Estados Unidos. Ver mais in: <https://www.facebook.com/>

porque eles não quisessem, mas porque eram tratados como “descartáveis, que serviam para fazer sexo”. Além disso, a *youtuber* destaca os estereótipos construídos ao redor da figura do homem negro: como a protuberância genital e a grande performance sexual. Em um exercício midiático, Araújo buscou pela palavra “gay” no *Tumblr*⁷ e os resultados apontaram para homossexuais brancos. Quando procurou por *black gay*, só apareceram imagens pornográficas, contou a influenciadora.

No livro “Cultura e Representação”, Stuart Hall (2016, p.147) relembra a publicidade negativa em que o atleta olímpico Linford Christie foi exposto na mídia britânica, onde foi tratado com escárnio por conta da protuberância de seu órgão genital, observado em um *short* de corrida, um dia após ter conquistado a medalha de ouro nos jogos de 1992, em Barcelona.

O atleta foi objeto de várias provocações dos tabloides sobre a proeminência e o tamanho de sua ‘lancheira’ — um eufemismo aceito de forma tão literal por algumas pessoas a ponto de ele ter sido abordado por uma empresa que desejava comercializar suas lancheiras com base em sua imagem! (Hall, 2016, p.147).

A masculinidade negra, por anos a fio, foi construída a partir da representação do homem negro como símbolo fálico, consequência de um perverso processo de colonização e implementação do regime escravocrata em países pelo mundo, especialmente no Brasil. A animalidade e a selvageria, imputadas nas representações de homens negros, forjam um ideário hipersexualizador de seus corpos e aniquilador de suas mentes, que ainda persiste nas sociedades contemporâneas como uma das expressões do racismo.

Osmundo Pinho (2012), quando escreve sobre as representações raciais na pornografia gay, chama atenção para uma “economia política da sexualidade”, calcada na circulação de significados, corpos e valores. Para ele, no campo da Internet, a colonialidade do poder e o racismo são manipulados no espaço do imaginário pornográfico, que é teatralizado, hiperbolizado, fetichizado livremente na *web* e que serve a uma lógica do capital e de uma biopolítica calcada em uma prática de morte, uma necropolítica (Mbembe, 2018), em desalinho com as diretrizes dos direitos humanos. Nesse contexto, há um imaginário social construído sob os pilares hierarquizantes do racismo, do machismo e da misoginia.

Na mesma direção, os pesquisadores Jean Santos, Roberto Borges e Samuel Oliveira (2022, p. 157) destacam o papel da “mídiação dos corpos pretos, no que diz respeito à forma pela qual costumam ser representados [...]. o corpo negro é quase sempre representado de forma subalterna, animalesca, violenta, marginal e/ou pejorativa”. Para eles, o falocentrismo imputado ao homem negro limita sua valorização/positivação ao tamanho de

⁷ Plataforma de *blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e “diálogos”. Ver mais in: <https://www.tumblr.com/>

seu pênis, o transformando em um “corpo fantástico”, que impressiona pela potência e pela espessura. “Reduzido ao falocentrismo da sociedade capitalista e patriarcal, a masculinidade do homem negro e homossexual - seja no campo afetivo ou sexual - cria por si só expectativas que precisam atender a uma ‘demanda’ (Santos et al 2022, p. 153).

Já Butler sugere que a mesma performatividade, agenciada pela linguagem do ódio, também pode ser instrumentalizada por movimentos que se opõem às opressões. A mesma repetição da intolerância que se materializa no extermínio de corpos indesejados pode ser uma fonte poderosa e reativa de oprimidos, pois “se o discurso de ódio constitui o tipo de ato que procura silenciar a quem é endereçado[...] então a resposta ao discurso de ódio é a “desoficialização” do performativo, a sua expropriação para funções não ordinárias. Segundo a autora, no âmbito político, a performatividade pode atuar de maneira contra hegemônica: “o momento em que um ato de fala, sem autorização anterior, apropria-se da autorização no curso de sua performatização pode antecipar e instituir contextos diferentes para sua futura recepção” (BUTLER, 2021, p. 262-263).

Um dos caminhos que acreditamos para a subversão da lógica opressora é a revisão discursiva e o desenvolvimento de narrativas decoloniais. Ouvir, assistir, ter contato, praticar empatia e se posicionar em situações nas quais o silêncio é anuência podem ser táticas para golpear estruturas sólidas de dominação e subalternização. “Fé, ancestralidade, sagrado, historicidade, oralidade, comunitarismo, hierarquia, ritual, tradição, alegria e devoção fazem parte da pedagogia que se configura nos espaços de pertença desses sujeitos” (Costa, 2011, p.40). Daí a importância da propagação de informações que tratam do tema, inclusive para fora de “bolhas” e “guetos” da comunidade de bichas pretas. Pois, são justamente os discursos pautados no “lugar de fala” (Ribeiro, 2017) que podem subsidiar a reflexão coletiva de aliados.

Como nos lembram Luis Martino e Ângela Marques (2021, p.09): “uma abordagem comunicacional das demandas por reconhecimento envolve a redefinição de esquemas de visibilidade e legibilidade”. Para os autores é importante observar os “tensionamentos entre identidades sociais impostas e posições identitárias moventes” para uma possível sedimentação de uma ética da responsabilidade e da valorização das diferenças.

Questionado sobre a maneira como seus conteúdos se diferenciam dos demais influenciadores, a partir das discussões de interseccionalidade entre raça, classe e sexualidade/gênero, Marco Antônio Fera exalta tais ‘posições identitárias’. A *youtuber* também dá pistas de que (como seu corpo é atravessado por esses marcadores) o fazer

comunicacional sofre influência, por ainda ser realizado dentro de uma estrutura colonial, que perdura na sociedade brasileira.

O trabalho que desenvolvo é pensado, articulado e realizado por uma bixa preta, pobre e periférica, que para além de todas essas categorias, dentre muitas limitações, se articula em espaços coloniais e de uma certa forma elitizados, pois é a bixa preta, artista, atore, criadore, cantore, professore, graduade e pós graduade (sic), que realiza um canal. Acredito que o diferencial está no corpo que emite, pensa e realiza estas mensagens [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Murilo também ressalta o protagonismo de bichas pretas nos usos da plataforma. Ainda que outros canais versem sobre o tema da interseccionalidade, a influenciadora destaca a variedade de narrativas decoloniais possíveis com a efervescência dos canais de gays negros. Apesar da similaridade das vivências, a jornada de cada um interfere na abordagem e na condução das histórias e dos discursos.

O fato de a gente ter essa possibilidade de produzir e de protagonizar comunicação, mesmo que seja de nicho, nesse contexto, eu acho que provoca uma revolução muito significativa, que é o fato de que as nossas narrativas podem ser todas pessoais. Que é uma coisa que não foi dado direito pra gente por muito tempo. Primeiro porque as narrativas eram contadas por outras pessoas e, segundo, que as poucas pessoas parecidas com a gente – e que tinham acesso a esses grandes pólos de mídia, de mídia de massa -, elas acabavam só tendo a possibilidade de contar histórias únicas, né? [...] Acho que a gente tinha essa demanda, essa lacuna na mídia de massa, e a presença das redes sociais revolucionou de certa forma, porque hoje a narrativa que eu posso apresentar é uma narrativa que não precisa ser uma narrativa que dê conta das existências de todas as pessoas negras ou de todas as pessoas LGBT [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Ao se narrarem, o protagonismo de bichas pretas fomenta a criação de repertórios e produção de sentidos sobre o que é ser um gay negro afeminado no contexto contemporâneo brasileiro. Murilo se refere à “uma revolução significativa”, ainda que em um contexto limitado. Tais falas ratificam nossa perspectiva de que os canais do *YouTube* podem ser táticos, quando manuseados astutamente, na direção de uma possível mitigação de um imaginário racista e lgbtfóbico, haja vista que as narrativas são fundamentais na compreensão da realidade. “Narrar vai muito além de se contar alguma coisa, mas influencia diretamente no modo como os acontecimentos serão interpretados. Em outras palavras, uma narração não é apenas uma descrição da realidade, mas também sua construção” (Martino, 2015, p. 249).

2. Narrativas decoloniais midiáticas

Contar as próprias histórias, fazer uso de sua própria imagem e reconstruir repertórios sobre si no *YouTube* tem um caráter político-narrativo — tema da terceira pergunta de nosso questionário. Se o apagamento de imagens, a partir do protagonismo branco e heterossexual dos produtos midiáticos somado à negatização de corpos-bicha racializados, é uma marca colonial, as práticas midiáticas de gays negros afeminados na contemporaneidade podem ser

compreendidas como fissuras no regime de visibilidade excludente. “No domínio da linguagem, podemos propor, estabelecer e alterar significados de fatos, objetos e coisas do mundo, dependendo da capacidade de legitimar tais sentidos através de sua incorporação pela coletividade” (Moraes, 2009, p. 31).

Luis Martino e Ângela Marques (2021, p.10) escrevem sobre os tensionamentos epistêmicos, normativos e identitários que circunscrevem o reconhecimento da vida e da experiência do outro, destacando o protagonismo dessas coletividades: “O direito a se autonegar parece ser, antes de tudo, uma conquista na direção de transformar as bases epistêmicas de uma sociedade [...] uma nova maneira de compreender essa alteridade dentro de suas próprias referências”.

No caso das bichas pretas que se autodenominam desta maneira (e, muitas vezes, graficamente com “x” – “bixa”), reconfigurando o imaginário social pejorativo sobre seus corpos e identidades, observamos uma prática política decolonial, realizada como estratégia contra narrativa a partir do campo simbólico do próprio sistema opressor, de forma a naturalizar outros modos de vida e existências entendidos como desviantes e abjetos.

A autoafirmação de bichas pretas em plataformas como o *YouTube*, especialmente em um contexto de cotidiano midiático - com a partilha de experiências, repertórios e vivências - produz sentidos não apenas de reconhecimento mútuo e pertença de grupo, mas também de disputa por uma positivação identitária e de reconhecimento social e moral. É o que Marco Antônio Fera afirma quando questionado sobre o tema:

Parece clichê, mas meu corpo é político em qualquer espaço que ele ocupe. Agora quando este corpo faz uso, por exemplo, de tecnologias, tais como a Internet, o audiovisual e coloca, transmite suas próprias experiências, é uma política pura. Pois trabalhamos em criação de uma contra narrativa, a todo tipo de violência e estigmas que este corpo sofre. Além de ser um enfrentamento, é uma criação de afetos, sonhos e possibilidades [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Para além das acaloradas discussões sobre a captura algorítmica e seus usos lucrativos subservientes ao capital, também enxergamos nessa fala uma dobra de sobrevivência, que se prolifera na rede rizomática da ambiência midiática. Pulsar vida dentro de um sistema e realidade mortíferos não nos parece algo irrelevante, especialmente por aqueles que não vivenciam os reiterados relatos distópicos de gays negros afeminados. O caráter político da prática do compartilhamento dessas vivências é evidente e subsidia o grupo de informações, fomentando o autoconhecimento. Questionado se há teor político na produção de conteúdo de gays negros afeminados no *YouTube*, Murilo Araújo também é categórico:

Isso é muito evidente. [...] A linguagem produz efeito, tudo que produz efeito é político. Impacta, reajusta, movimenta as relações de poder em certo sentido, obviamente que o impacto que a gente tem condição de provocar, diante da estrutura, ele é um impacto bastante limitado, mas isso não significa que ele deixa de ter um impacto significativo [...] Para além daquela dimensão de que todo corpo negro é em si uma revolução, porque é uma vitória contra o projeto de genocídio em curso há séculos, para além disso, dessa camada estrutural e estruturante da coisa, eu acho que tem um impacto muito significativo nos conteúdos que a gente vem produzindo [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Murilo demarca, ainda, que não é comum a positivação da imagem da bicha preta nos principais veículos tradicionais de comunicação de massa do país, o que nos leva a concluir que tais ambiências de mídia ofertam espaço para a propagação de existências assimiladas pela norma. Até o momento, a partir da fala da *youtuber*, trata-se de uma comunicação de nicho, mas que traz uma potência significativa no campo simbólico, uma revolução molecular ao se imaginar possibilidades de vida, inclusive por aqueles que não experienciam as situações difundidas.

Sobre os processos de humanização da bicha preta e sua probabilidade de efetiva mudança no imaginário social, tema da quarta questão de nossa entrevista, Murilo acredita no impacto e no seu efeito multiplicador.

Hoje as redes sociais são uma grande pulverização de imagens (...) uma profusão incontável de imagens o tempo todo. [...] Talvez não seja uma mudança ampla, massiva, acho que é essa a palavra. Não é um impacto massivo, mas eu acho que existe um impacto muito importante que tem um efeito multiplicador, que é o impacto em quem interessa [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Já Marco Antônio Fera diz acreditar em uma transformação molecular, mas sublinha a limitação de alcance que, segundo ele, se dá justamente pelo racismo:

Há um movimento por parte de quem produz. Mas muito pouco por parte do mercado. Eu nunca me senti de fato introduzido por plataformas de *streaming*, nós não somos as que têm expectativa de trabalho, não somos as que podem sonhar com a publi, que seremos vistas e incorporadas em uma lógica de renda, por mais que tenhamos talento, um trabalho consolidado e profissional. Seremos sempre as rejeitadas, pode ser que uma ou outra consiga, mas isso não diz respeito sobre a maioria [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

A pesquisa “Black Influence: um retrato dos creators pretos do Brasil”⁸ (2020), realizada pelos veículos *Black Influence*, Site Mundo Negro, *YOUPIX*, *Squid* e *Sharp*, revela que influenciadores negros têm menor participação em campanhas publicitárias e recebem menos por essas ações. Entre os participantes do estudo, que se baseou nas categorias de identificação do IBGE, mais de 22% se consideram pardos e mais de 17%, negros. Ao serem perguntados se já haviam participado de alguma campanha de publicidade, cerca de 64% dos

⁸ Mais de 760 criadores de conteúdo responderam ao formulário de pesquisa. Disponível em: https://tag.youpix.com.br/2020_black_influence_br Acesso em: 4 dez. 2022.

respondentes disseram que “sim” e 60% consideraram o marketing de influência inclusivo, mas isto não é visto da mesma maneira por pretos e indígenas.

Diante desse quadro, evidentemente, não podemos romantizar a característica “revolucionária” de canais do *YouTube* e tampouco esquecermos que este espaço é produto de uma empresa capitalista que o utiliza e o apropria para uma comunicação nichada e, ainda assim, segue uma lógica de “preferência” que privilegia o padrão branco. Mas como pontuamos, o enfoque desse texto é mais otimista. Não refutamos a operacionalização da inteligência artificial, da absorção de dados, da fabricação de desejos e do controle de mentes, entretanto, optamos por trilhar um caminho de possibilidades de vivência nesse cenário, diante das complexidades do atual contexto do século XXI, especialmente a partir da valorização dos afetos dentro de uma cultura midiaticizada. E é pelo olhar esperançoso da atuação de bichas pretas no *You Tube* que propusemos a reflexão sobre o quilombismo midiático interseccional.

3. Quilombismo midiático interseccional: uma possibilidade conceitual

Enquanto a criação de espaços mais diversos e inclusivos não se dá por aqueles acostumados a ocuparem posições de poder — ou pelo menos não no tempo urgente que se faz necessário, bichas pretas parecem aquilombar-se na ambiência midiática, na medida em que usam o ciberespaço como forma de conexão cotidiana de narração de si ao outro (espectador/usuário).

Na sexta pergunta questionamos às influenciadoras se elas enxergavam o *YouTube* como um espaço terapêutico, já que a similaridade dos discursos proferidos orbitava em catarses provenientes de traumas e discriminações. A partir da fala das próprias *influencers*, nosso objetivo foi compreender se a expurgação das emoções na plataforma auxilia no restabelecimento da saúde mental, através de um território digital de partilha de dores, com a troca entre pares, o autocuidado e o fortalecimento de autoestima.

A proprietária do canal “Pretinho Mais Que Básico” vê ambiguidade na questão, já que acredita na dicotomia vantagem/desvantagem das redes sociais digitais. Para Marco Antônio Fera o “*YouTube* pode ser um lugar de cura, acolhimento, a partir de quem busca informação, reconhecimento, identificação e compartilhamento de histórias”. Mas também pode ser visto negativamente se o observarmos como um difusor de conteúdos estereotipados a serviço de discursos hegemônicos. Fera crê que o *YouTube*, enquanto uma plataforma de mídia, “também produz imagens, estereótipos, padrões a partir de uma perspectiva de quem

cria. Nem sempre o *YouTube* é este lugar bacana, ele atinge e interfere diretamente nossos afetos e experiências”, afirma.

Murilo Araújo segue o raciocínio da colega, apesar de enfatizar os benefícios do trabalho realizado no canal. Lançando mão de sua própria experiência, a *youtuber* reconhece o impacto positivo da partilha de suas vivências para os espectadores, que ao navegarem pelos vídeos de bichas pretas podem ter acesso a uma pluralidade de temas que atravessam suas vidas e, assim, criam sentimentos de pertença e autoconhecimento para se fortalecerem diante da realidade distópica em que estão imersos.

[...] tá num lugar de cura mesmo, a importância que isso tem pra muitas pessoas. Porque é um lugar onde a gente compartilha as nossas feridas. Falar sobre as nossas feridas é tão importante para esse processo de cura da gente... Quando as outras pessoas se identificam, se conectam, isso também remexe coisas que eu acho que são importantes. [...] Se eu, quando tinha 16 anos, tivesse acesso ao conteúdo que muitas dessas bichas pretas jovens e adolescentes têm hoje, minha jornada teria sido outra, sem nenhuma dúvida [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

A fala acima desencadeia outra possibilidade de se refletir a ambiência midiática e seus usos para além das ferramentas de vocalização de opressões. Se o “quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial, cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros” (Nascimento, 1980, p. 256), por que não compreender os espaços de cura aqui relatados como “quilombos midiáticos interseccionais”?

Se a midiatização da cultura e da sociedade (Sodré, 2021, Moraes, 2006) é uma realidade neste início do século XXI, e o racismo e a lgbtfobia que estrutura o Brasil perdura e segue asfixiando e soterrando corpos-negros-bicha, é plausível que espaços atuais de resistência digitais possam ser encarados como quilombos, salvaguardadas as devidas diferenciações e especificidades relacionadas ao ordenamento social, econômico e geográfico dos séculos passados. Tal sugestão conceitual respalda-se na obra de Abdias Nascimento (1980, p. 256), em que o autor argumenta que “o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico”.

Ainda sobre o tema, lembramos que Beatriz Nascimento (1985), em seus escritos sobre historicidade e mudanças do conceito de quilombo, explica o caráter ideológico e cultural que a nomenclatura passou a abarcar em face das visões estereotipadas do final do século XIX:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de

todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (Nascimento, 1985, p. 47).

Nesse sentido, podemos enxergar os canais do *YouTube* de bichas pretas como plataformas férteis para o desenvolvimento de um “quilombismo midiático interseccional”, focado na fuga à opressão advinda do entrecruzamento do racismo e da lgbtifobia, justamente por propiciarem espaços terapêuticos, cujo resgate da autoestima de jovens negros gays afeminados se processa diuturnamente. Tais canais ganham contornos quilombistas por se apresentarem como espaços de resistência, onde a potência de um ideal comunitário e o sentimento de pertença são características basilares, construídas a partir de comunhões afetivas.

Lamentavelmente, em 1995, a intelectual negra Beatriz Nascimento foi vítima de feminicídio. Foi assassinada a tiros pelo namorado de uma amiga, a quem aconselhou terminar o relacionamento por sucessivas violências domésticas. A historiadora cursava mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, certamente, contribuiria bastante para as teorias de Comunicação e Informação. Ela sequer chegou a vivenciar a intensa midiáticação do cotidiano à qual estamos imersos no Brasil deste início de século XXI. Por isso, as reservas que temos na instrumentalização do conceito de “quilombo” devem ser consideradas, especialmente pelo entendimento da autora supracitada limitar-se aos espaços geográficos, como favelas, escolas de samba e terreiros de religiões de matriz africana. Contudo, ainda que não possamos afirmar categoricamente que a ambiência midiática funcione como o “quilombo”, tal qual Beatriz Nascimento imaginou, especialmente com traços interseccionais como sugerimos, o compreendemos como uma linha de fuga ao aniquilamento, como um espaço outro onde as possibilidades de vida e de sonhos de bichas pretas podem ser difundidas em narrativas decoloniais, na tentativa de resistir e se impor à realidade opressora do racismo e da lgbtifobia.

A partir das entrevistas realizadas, neste breve texto, consideramos um rastro de pesquisa que as reflexões nos proporcionaram, haja vista que a relevância midiática nas relações sociais e culturais ganharam novos contornos neste século, evidenciando que a vida e a construção da realidade se dão *na e a partir da* mídia.

Considerações finais

Diante do racismo estrutural, as bichas pretas são dissidentes e alvos de escárnio e abjeção. Homens negros são comumente sexualizados, enfrentando uma expectativa social maior de masculinidade e heterossexualidade, inclusive com a hiper sexualização de seus

corpos, conforme situamos. Concomitantemente, existe uma velha narrativa enraizada no racismo, no classismo e na misoginia que normaliza ideias de que bichas pretas são pouco atraentes, indesejáveis, impotentes e devem ser rejeitadas.

O avanço da agenda LGBTI+ na cultura brasileira garantiu, em grande parte, a “normalização” da cultura gay dominante (branco, masculino, classe média), mas não incluiu aqueles que não se enquadram nessas categorias demarcadas e específicas. Entretanto, um dado significativo é que a expressão difamatória foi ressignificada pelas próprias bichas pretas, que subverteram o sentido pejorativo e utilizam o termo de forma política para afirmar a própria existência e questionar padrões excludentes e coloniais.

Juntas, as bichas pretas compartilham experiências de abandono, rejeição e hipersexualização de seus corpos, mudando a lente pela qual veem o mundo e veem a si mesmas. Esses grupos estão abrindo espaço para que outros gays negros afeminados possam construir as próprias identidades.

Por meio da tática dos testemunhos, nos canais supracitados, parece emergir uma resistência ao soterramento de corpos-bicha. Cotidianamente, com produção coletiva e depositário de memória nessa ambiência midiaticizada, “indivíduos e grupos (enquanto compartilham modos de ser, pensar e agir)” estabelecem conexões cotidianas em diversas percepções de si e dos outros.

Na última década, especialmente nos últimos cinco anos, uma cena diversificada e poderosa de criadores negros gays, *youtubers* e influenciadoras digitais floresceu, mostrando a milhares de jovens gays negros afeminados que eles e elas podem ser quem são. No decorrer deste texto apresentamos Murilo Araújo e Marco Antônio Fera. Criadoras de conteúdo cujas histórias questionam o *status quo*, subvertendo ideias hegemônicas sobre masculinidade e delineando novas possibilidades de vida para gays afeminados no Brasil contemporâneo.

Bichas pretas brasileiras que têm coragem de falar sobre si mesmas, sobre desejos e projetos na Internet, enfrentando camadas profundas de ódio racial, misoginia e colonialismo. Fazem isso denunciando as opressões, mas também falando sobre música, cultura *pop* e humor. De pessoas invisíveis e sem voz, que são alvo de piadas e zombarias, emergem novos sujeitos de enunciação que afirmam existências, força e diversidade. Com presença digital e visibilidade orgulhosas, elas ressignificam a negritude, a identidade de gênero e a orientação sexual como fonte de “vitórias”, não apenas de sofrimento. E vão além, destacando que a humanização de seus corpos implica no reconhecimento enquanto

peças íntegras e complexas, que pensam, criam e sentem, para além dos marcadores de raça, gênero e sexualidade. Sonhos, alegrias e arte também fazem parte de suas histórias.

Os afetos mediados, isto é, as redes construídas a partir de testemunhos catárticos e narrativas decoloniais transformam o *Youtube* em espaço de purgação das emoções (Rezende Ribeiro, 2020) de bichas pretas, e podem ser encarados como rachaduras de um regime de visibilidade que ainda privilegia o protagonismo branco, heterossexual e machista na sociedade brasileira. Demonstrar, propagar e refletir experiências vividas por outras masculinidades podem constituir táticas de fissura de um sistema de representação excludente. Essa valorização da emoção e dos afetos em detrimento de uma racionalização moderna pode ser compreendida como brecha de sobrevivência, narrativa empoderadora que fomenta a resistência de homens negros gays afeminados e os fazem acreditar que um outro futuro é possível.

Aos poucos, as bichas pretas colecionam novas narrativas decoloniais e insurgem: trilham um caminho que inclui se ver e reconhecer outros corpos, compreender-se no mundo e construir a autoestima e a autoconsciência em comunidade. Desencadeiam mudanças comportamentais e empoderam outras e outros jovens gays negros afeminados, ampliando suas alianças em uma política de afetos e de afetações.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. (2021). **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Editora Unesp, São Paulo.

COSTA, Joaze Bernardino (org.) (2018). **Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico**. Autêntica, Belo Horizonte.

GIL, Antonio Carlos (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas, São Paulo.

HALL, Stuart. (2016). **Cultura e representação**. Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro.

MARTINO, Luis Martino (2015). **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Vozes, Petrópolis.

MARTINO, Luis Martino & Marques, Ângela. (2021). Reconhecer a vida e a experiência do outro: Tensionamentos epistêmicos, normativos e identitários. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação- E-Compós**, 24, 1–22, <https://doi.org/10.30962/ec.2212>

MBEMBE, Achile. (2018). **Necropolítica**. N-1 Edições, São Paulo.

MORAES, Denis. (2009). **A Batalha da Mídia**. Pão e Rosas, Rio de Janeiro.

MORAES, Denis. (2006). **Sociedade Mdiatizada**. Mauad, Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Abdias. (1980) **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Vozes, Petrópolis.

NASCIMENTO, Beatriz. (1985) O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora: Revista do Mundo Negro**, (6-7), 41-49.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, 38, 159-195, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100006>

RIBEIRO, Djamila. (2017) **O que é lugar de fala?** Letramento, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Renata Rezende. **Redes de afetos (e de afetações): narrativas catárticas no cotidiano mdiatizado**. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). (Org.). **Corpos, imaginários e afetos nas narrativas do eu**. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2020, v. 1, p. 1-316.

SANTOS, J.; BORGES, R.; OLIVEIRA, S. (2022). A operacionalização do racismo e da homofobia sobre corpos negros homossexuais. In: JUNIOR, P. M. S.; CAMILO, V. Masculinidades negras: novos debates ganhando formas (pp. 149-165). **Ciclo Contínuo Editorial**.

SAFATLE, Vladimir. (2015). **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Cosac&Naif, São Paulo.

SODRÉ, Muniz. (2021). **A sociedade incivil**. Vozes, Petrópolis.

Referências Videográficas

Canal Pretinho Mais que básico. In: <https://www.youtube.com/@PretinhoMaisQueBasico>
Acesso em: 30 jun 2023.

Canal Muro Pequeno. In: <https://www.youtube.com/@MuroPequeno> Acesso em: 30 jun 2023.